

## tribuna da

# CIDADE

POR RENATO RIELLA



Secretário do Trabalho do DF

## A opção do futuro

O profeta tecnológico Arthur Clark nos fala de um tempo futuro em que o mundo será equilibrado e a atividade máxima do ser humano será a arte. O desenvolvimento da informática a serviço do homem, segundo o grande estudioso, nos levará no próximo milênio a uma civilização em que a distribuição de renda gerará uma humanidade feliz.

No ano 2.200 a política será quase tão interessante quanto a eleição de um síndico de bloco. Isto é: só deverá interessar a poucas pessoas que vêem a necessidade de passar o próprio tempo administrando. O restante do povo se dedicará a atividades mais enriquecedoras da alma, como a arte, o esporte e o amor.

Pode parecer um sonho, mas é a visão de um cientista que anteviu, muitas décadas antes, as viagens espaciais e outras conquistas que até então pareciam inalcançáveis. Para Arthur Clark, atrás da sua bola de cristal tecnológica, o homem só se encontra pelo pensamento e figuras como Leonardo da Vinci são muito mais importantes para a humanidade do que o padrão dos hospícios, também conhecido como Napoleão.

Todas essas provocações, nos três parágrafos anteriores, justificam-se para nos levar à situação de Brasília hoje, quando as populações de quatro cidades-satélites disputam nas ruas o direito de sediar o Pólo de Cinema e Vídeo. A criação deste Pólo, que para algumas pessoas poderia ser um sonho ou uma divagação, ultrapassou as iniciativas governamentais para transformar-se numa bandeira popular tão importante quanto a luta pela habitação, pelo transporte ou pelo pão.

Que coisa mais surrealista, os personagens fantasiados vindos de Planaltina para lutar na Câmara Distrital pelo Pólo de Cinema! Que situação emocionante nos oferece o Gama, mobilizando a sua juventude em busca deste mesmo ideal!

Brasília chega mais rápido ao ideal de Arthur Clark, elegendo a cultura como uma reivindicação das massas, embora ainda persistem por solucionar todos aqueles problemas que o profeta tecnológico almeja ver resolvidos no próximo milênio.

Agora o governador Joaquim Roriz estuda também a proposta de gerar aqui uma réplica do Festival Internacional da Canção, que nos ofereceu obras-primas, como Sabiá, de Tom e Chico. Não temos praia, é indiscutível, e as nossas esquinas são gramados, mas já vivemos numa cidade que assume uma postura de vanguarda cultural, enquanto os centros tradicionais se desfiguram nos próprios dilemas.

Nossa juventude começa a perceber as opções que se abrem com os novos desafios culturais e participa avidamente de cada projeto. Que surjam logo novos poetas, antigos e recém-formados cineastas, produtores e diretores de todo tipo de arte. Nosso meio precisa ser condicionado a um tipo de vida diferente, como um exemplo para o resto do País.

Sendo assim, quem sabe Arthur Clark terá razão algum dia.